

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 reis Provincias e Ilhas: trimestre on 6 numeros..... 2500 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1200 * Numero avulso..... 2000 *	N.º 63	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, St. Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

A PSYCHOLOGIA NACIONAL

Cincoenta annos de parlamentarismo esteril e de *logorrhagia* emphatica amollecera e diluiram por tal modo o caracter portuguez, que quasi o desvirtuaram.

Hoje se a larga base sobre que elle assenta não fosse incontestavelmente e instinctivamente mesmo tão solida e tão pura, Portugal haveria porventura liquidado já, a despeito das tentativas mais ou menos persistentes e mais ou menos amiudadas e entusiasmadas com que ainda um ou outro escol de boas vontades e de sinceras dedicações tem tentado revivescel-o e estimulal-o.

A verdade é que a intriga politica erigida em dogma, e a corrupção individual transformada em rito, têm dado em terra com todos os vigamentos que escoravam o edificio constitucional, e que os nossos olhos começam a ver agora o fundo estranho e absolutamente incompativel sobre que elle tem assentado ha muito.

Portanto, de duas uma: ou o constitucionalismo não é isto, ou então elle está julgado como systema de governo. Não ha sair do dilemma.

Se tem sido lealmente executado como alguns procuram sustentar, antes o absolutismo puro, sem ficções e sem ambages; se circumstancias immanentes e exnertadas a isso se têm opposto, tempo é já de sobra de as destruir, mudando de rumo, para que no espirito dos novos como nós, não entre de vez a descrença por tudo e por todos, e para que não tenhamos de abandonar como inanes alguns dos mais formosos ideaes da civilização contemporanea.

O parlamentarismo, por exemplo, tal como esse systema o tem comprehendido e realiado, longe de ser um bem, o que nós apesar de tudo ainda insistimos em acreditar, não ha feito, como acima dizemos, senão dessorar, polluir, perverter o caracter portuguez, inquinando-o de vicios que elle não tinha e delinquendo-lhe as virtudes que o tornavam grande.

É pelo influxo deleterio d'esse triste, tristissimo agente pathologico, que nós, que eramos aventureiros, destemidos e emprehendedores, nos tornámos dependentes, cautelosos, timidos a ponto de já quasi não nos emocionarem as injurias villãs e as affrontas soezes que vem atirar-nos ás faces.

É pela persistencia e pela inoculação d'esse virus que nós chegámos a tolerar *estadistas* que fariam rir nossos avós, *politicos* que para nenhuma cousa seria mostraram competencia, *auctoridades* que fizeram caricato o immaculado principio que representam, *homens de ordem* que mais não têm feito do que lançar aos ventos agitados e turbos das paixões as sementes da anarchia e da desordem.

E, no entanto, persistimos em crer na proficuidade da causa de onde tão detestaveis effectos têm promanado!

E, no entanto, ainda somos dos ingenuos que supomos que no meio dos males de que enferma o vicioso formigueiro humano, o unico elemento neutralizador e therapeutico que ainda existe esse é por certo!

E, no entanto, não cremos que se descobrisse ainda panacéa alguma que lograsse substituil-o, nem até esperámos que se descubra!

Mas — Santo Deus — é preciso que, tratando-se de Portugal, não procuremos modificar esse systema, illudindo-o com subterfugios, com tergiversações e com casuisticas que o amesquinham e que o inutilizam, e que — peor do que isso — o tornam contra-productente e perigoso.

E tudo porque? Porque os escrivães de fazenda, os influentes, os governos e as auctoridades tomaram o logar que só pertence aos simples cidadãos; porque desde muito se estabeleceu como norma a invasão dos poderes e das attribuições, e porque sendo tantos a mandar ninguem ha quasi a obedecer.

A resultante d'esta inversão da ordem natural dos factores é que governos e maiorias, divorciados de ordinario do verdadeiro paiz, que pensa, que paga e que trabalha, cáem ou levantam-se n'um grande numero de casos por accordos e por transigencias particulares e convencionaes, e só uma ou outra vez é que um movimento mais forte de opinião, accentuando-se n'um determinado sentido, intervem para derrotar ou erguer nos seus escudos uma determinada situação.

Ora nós quereremos e queremos que em todos os casos a opinião seja ouvida e acatada, pois que os governos de opinião são os unicos governos democraticos; mas o que sobretudo quereríamos é que essa opinião estivesse representada nos parlamentos, e que largamente collaborasse na formação e na ex-

cução das leis, e não que fossem os governos que ao mesmo tempo fabricassem os legisladores e os codigos, o voto e a pessoa votada, o continente e o conteúdo...

De outra fôrma ou a ficção continuando acabará por estabelecer dentro da nação duas phalanges claramente inimigas e inconciliáveis, ou será preciso que a cada simples medida de caracter economico ou de caracter social a opinião tenha de apparecer cá fóra como fiscal, como vigilante e como juiz, e de impor a sua vontade mais ou menos tumultuariamente.

Estes são os fructos do complicado e repugnante systema de dependencia, de intriga e de suborno funcionando ha um tão largo periodo na decadente e enodada politica portugueza, *mauvais lieu* como lhe chamava em tempos idos um dos que a conhece e que ella *tocou* tambem, e onde os que entram quasi não logram sair intactos, tão ameaçador é o contagio e tão mephytico parece o ambiente!

Alastrando por todo o paiz como alastrou, tem portanto este agente morbigeno maculado a psychologia nacional, transmittindo-lhe os vícios que consigo traz, e que só poderão ser extirpados por uma radical transformação na nossa educação social, e nos processos de ensino que têm pervertido duas gerações inteiras.

Temos um desfalque tão consideravel de hcmens, que a primeira condição para a nossa revivescencia, se queremos tental-a, é crear as gerações que agora nascem fóra da acção depressiva que já nos formou a nós e aos que nos precederam, e preparal-a com todos os predicados de uma solida e séria instrução profissional e pratica, procurando tornal-a habil para encarar a Vida, sem dependencias de nenhum poder que não seja o poder da sciencia e da consciencia, sem protecções que não sejam as que a entidade Estado deve a todas as classes que n'elle delegam o seu mandato, para terem quem lhes administre justiça e lhes comprehenda e lhes favoreça os interesses, sem outros vinculos, enfim, que a elle os prendam que não sejam os que a todos nos terão de unir no superior culto da civilisação e do amor da patria.

Se ainda é possivel fazer isto, a psychologia nacional, o que significa dizer o caracter portuguez, voltará a ser genericamente e solidamente o que já foi quando apenas com dois milhões de almas assombrosa o mundo, e o que ainda hoje é n'essas infimas e obscuras camadas que são o substractum da sua individualidade social, e que, desconhecidas e ignorantes, representam ainda a intemerata honra e a altiva dignidade do Portugal de outr'ora.

Se já não é possivel, então é que a morte adeja perto, e n'esse caso rasão terão os mais fortes para nos opprimirem ou para nos supprimirem, conforme lhes convier melhor.

Não queremos, porém, acreditar em tal, e antes desejaremos capacitar-nos que Portugal vive e precisa viver.

AFFONSO VAIGAS.

N'UMA DISTRIBUÇÃO DE PREMIOS

Minhas senhoras; meus senhores:—Sinto-me de-veras reconhecido pela amavel instancia com que foi mais uma vez solicitada a minha palavra para a festa de hoje.

Esse reconhecimento, por um lado, e quanto ha de tocante e enternecedor n'este momento, aqui, por outro, —levantam o meu espirito a uma atmospha serena e pura, em que é delicioso viver, em que tudo quanto ha de immaterial em mim, vibra mais ampla e delicadamente do que na atmospha ordinaria, — como nas grandes altitudes sentimos a vida mais facil, mais regular, mais perfeita, mais completa.

Hoje, n'este desconsoador e melancolico fim de seculo que vae correndo, são, como nunca, apreciaveis e necessarias estas festas: —este culto externo da intelligencia e da bondade; estas consagrações do trabalho; estes luminosos parenteses espirituallistas, que, de quando em quando, vencem consoladoramente a profundissima treva, feita de egoismo e de materialismo, em que se afunda tragicamente a vida contemporanea, tão aspero batida de contradicções, de dúvidas, de desalentos, tão acerbamente pungida pela ausencia de um ideal, de uma fé.

Bemvindos, pois, estes momentos de conforto!

Não farei, propriamente, uma conferencia.

Embora me tenha dado a outra ordem de estudos, ser-me-ia facil, com a educação geral que todos hoje temos obrigação de possuir, e com alguns dias de trabalho, versar aqui methodos e processos de ensino; ou então, n'uma esphera menos pratica, mais generica, mais philosophica, discutir qualquer dos problemas superiores que se prendem com a questão, hoje capital, da instrução.

Poderia, tambem, por uma analyse mais ou menos subtil, mais cu menos paciente e rigorosa, extrahir do facto que hoje nos traz aqui o *sentido occulto*, que porventura encerre, o que n'elle haja de mais profundo, de mais intimo, de mais essencial, — como no genero litterario agora conhecido pelo nome de *chronica* se procura ferir a nota dominante, caracteristica, dos homens e dos factos; explicar na sua genese e no seu alcance, no seu porquê, e no seu como, o romance, o poema, o drama, o quadro, a estatua, o discurso, a lei; definir o litterato, o artista, o politico, o orador.

Nada d'isso farei, porém.

Vou limitar-me a pôr em evidencia, muito rapidamente e muito simplesmente, o aspecto sob o qual a missão de ensinar se me afigura mais elevada, mais util e mais gloriosa: o aspecto a que eu chamarei *redemptor*. Logo direi porquê.

* * *

Meus senhores: É evidente que o seculo actual constitue uma epocha eminentemente dispersiva e anarchica, sem *unidade moral*. Onde está o pensamento synthetico, a idéa superior e dominante, que traduza a essencia do nosso tempo, o que n'elle haja de mais geral e caracteristico?

A religião, que, na esphera da arte, determinou obras que ficarão eternamente como os documentos mais legitimos e mais gloriosos do genio esthetico da nossa especie (basta lembrar quasi toda a pintura italiana ou italianisada da Renascença; o *Moyses* de Miguel Angelo, e a assombrosa trilogia da *Divina Comedia*); — que produziu a forte e admiravel constituição da *Egreja*, sem duvida um modelo surpreendente e unico; que motivou o grandioso trabalho

da theologia, incontestavelmente uma das afirmações mais categoricas e mais brilhantes da nossa força intellectual, do vigor e da penetração do raciocínio; que foi, por muito tempo, a consolação inigualavel, maravilhosa, unica, a protecção ao mesmo tempo branda e forte, igualmente amovavel e incombustivel, de quantos soffriam,—e são sempre tantos os que soffrem!—que foi o agente mais poderoso, mais efficaç, d'esse estado de espirito, porventura mais sezeno, porque menos perfeito, do que a felicidade, que se chama a resignação,—o pensamento religioso, que tudo isso determinou, que tudo isso foi, que tão larga e longamente dominou, vae com effeito abandonando grande numero de espiritos, e,—o que é mais,—nem todos quantos conservam a religião como pratica, têm n'ella a suprema idéa que determina, a suprema palavra que suavisa e consola, a suprema esperanza que não pôde ser frustrada...

E em substituição d'esse alto pensamento, d'esse prestigio ideal, que outro pensamento, que outro ideal,—definido e universalizado,—surgiu até agora? Nenhum, meus senhores. Pelo menos, falta formular o que anda fragmentado e disperso, e traduzir artisticamente a formula encontrada, para que todos a comprehendam, para que todos a sintam...

E, portanto, bem dolorosa, bem triste, a epocha actual. E n'esta crise verdadeiramente tragica do espirito humano, em que não é facil encontrar um lugar de refugio tranquillo e amigo, um *ponto fixo* para o nosso atormentado pensamento; n'este tempo de dúbida, de contradicção e de analyse,—há uma empreza sobre todas grande, sobre todas elevada, sobre todas transcendente, sobre todas santa:—a de orientar, confortar, pacificar, a nossa pobre alma.

E onde, meus senhores, onde, mais completamente do que no ensino, pôde realisar-se esta bella empreza, a que não duvidarei chamar *redemptora*?

O ensino, outr'ora,—no velho Oriente, no mundo classico, na Edade-media, na Renascença,—derivava da synthese ultima d'essas civilisações. Era uma consequencia. Hoje, n'um seculo dispersivo, mixto, composito, deve contribuir para a fixação d'uma *unidade moral*, para o advento d'uma era segura e tranquilla, para a conjuração da tempestade. felizmente passageira,—acredito-o,—que ameaça devastar quanto no mundo ha de espirital e bom:—a fé, a virtude, a felicidade, a alegria...

E por isso, meus senhores, que o officio de ensinar me encanta, me fascina, de um modo irresistivel e unico; me apparece envolto em um nimbo mystico e glorioso,—como alguma cousa superior, transcendente, quasi divina, comparavel ao poder antigo, que não provinha da soberania popular, mas que dimanava de Deus.

* * *

Como é bella, portanto, como é generosa e patriotica, a obra de vós todos, que mantendes este collegio!

Patriotica, sim!

Se porventura a idéa de patria pôde ainda produzir alguma cousa mais do que um estrechimento passageiro, uma excitação momentanea, diante de um

facto excepcional; se acção de patria pôde ainda determinar uma acção disciplinada e persistente,—é em nome da Patria que eu peço a todos vós que não desanimeis nunca no vosso formosissimo emprehendimento, e, pelo contrario, prosigaeis firmes, intemeratos, com um amor, com uma dedicação crescentes; seria em nome da Patria, que,—se acaso a minha voz tivesse echo fóra d'este recinto, onde a amizade a torna, senão auctorizada, ao menos sympathica, segundo creio,—eu pediria a todos quantos n'este paiz alguma cousa podem e alguma cousa valem, que applicassem á causa santa do ensino, da instrucção e da educação nacional, a maior e a melhor parte da sua intelligencia, do seu querer, do seu esforço, da sua actividade.

Só assim poderiamos ser grandes e fortes e respeitados; só assim poderiamos manter livre e feliz o nosso glorioso Portugal; só assim poderiamos fugir a ser amanhã apenas «o povo dos *Lusíadas*», como os judeus são «o povo da *Biblia*». Terminei.

16-6.-90.

JOSÉ PESSANHA.

ASSUMPTOS VARIOS

A beneficencia é um heroismo modesto, silencioso, occulto;—leva o conforto aos infelizes que se debatem nas garras da miseria, enxuga as lagrimas da viuvez e da orphanade, dando pão aos velhos e ás creancas com fome.

—A beneficencia é um perfume das boas almas, uma virtude divina e um dever profundamente humano. (*Visconde de Benalcanfor.*)

... A natureza—prosegue, o illustre e illustrado escriptor: é impassivel, mas admiravelmente bella. A humanidade é soffredora e boa. A historia, estudada com amor, é um thesouro de tudo. A Arte, pondo em relevo exterior os ideaes da nossa especie, educa-nos, consola muito mal, faz-nos aspirar e ascender ao melhor, ao que é mais perfeito. São grandes virtudes, e não raras no mundo, a sympathia, a admiracão, a fé, a lealdade, o enthusiasmo, o heroismo, a abnegação e o sacrificio. As creanças hão de ser sempre adoraveis mysterios de innocencia e de graça; a velhice nunca deixará de ser a mais augusta e veneravel fórma do poder da experiencia e da auctoridade moral. Ha tristeza nos homens e melancolia nas cousas, mas ha poetas que recolhem isto, piedosamente, em amphoras que só elles têm, e fabricam depois preciosas obras de arte, talvez as melhores... Ha dores, fome, conflictos sangrentos, tragedias formidaveis, palavras que mentem, caracteres que atraçõam, esperanças que se mallogram, promessas que se não cumprem, e, por fim, em negro remate a morte... Mas parallelamente a estas miserias, quantos divinos esforços tentados para as combater ou diminuir desdea epocha das cavernas até á cidade de hoje, desde o machado de pedra até á machina a vapor, desde a *tatuagem* até á imprensa, e desde a imprensa até á electricidade, desde as pinturas muraes dos Egypcios e dos Assyrios até os museus de Madrid, do Louvre e do Vaticano, desde o despotismo oriental até á liberdade latina, desde a antiga terra povoada de deuses até ao moderno céu despovoado de terrores.

J. A. DIAS.

JOÃO MANUEL DE FREITAS

Prestámos, em o n.º 3o da *Imprensa*, modesta mas sincera homenagem da nossa sympathia e admiração ao sr. Théotiste Lefevre, o grande mestre da arte typographica, o inolvidavel auctor do magnifico livro *Guide du compositeur d'imprimerie*. Publicando hoje o retrato do insigne typographo portuguez, o sr. João Manuel de Freitas, reavivámos, em piedoso culto, a honrada memoria de um artista distinctissimo, do mestre da nossa primeira escola regular de composição, cujas levantadas qualidades, indisputavel merito e austera probidade o recommendam, por sem duvida, á saudade e ao respeito de todos os cultores da maravilhosa arte de Guttenberg e Coster.

Nasceu o sr. João Manuel de Freitas em Lisboa a 8 de junho de 1805. Correspondendo ao cuidadoso desvelo de seus carinhosos paes, pôde com indefesos esforços e pesados sacrificios adquirir instrução litteraria e variados conhecimentos bem mais superiores áquelles que outr'ora se reputavam precisos para seguir uma profissão qualquer, e tornar-se conspicio na que, por vocação propria e vontade paterna, a final adoptou.

Em 18 de maio de 1821 foi admittido ao apprendizado de compositor na imprensa nacional, conquistando desde logo e durante o seu tirocinio, pela sidade e assidua applicação, a estima dos companheiros e artistas mais conceituados. Cinco annos depois, a 18 de maio de 1826, era promovido, com muito agrado, a official.

Como tantas vezes, ainda mal, acontece, não desmentiu nunca, o sr. João Manuel de Freitas, as excellentes informações dos que lhe haviam guiado os primeiros passos, sendo, a breve trecho, considerado pela competencia technica e seriedade do trato, entre os mais peritos e qualificados compositores do nosso primeiro estabelecimento graphico.

Resolvendo a sua administração superior, com lucido criterio, abandonar o vicioso methodo de ensino, admittido, aliás, geralmente em Portugal, como no estrangeiro, em janeiro de 1845 creou uma escola de composição typographica, que não perdemos ainda a esperança de ver um dia convertida em um verdadeiro instituto profissional de artes graphicas, encarregando a sua direcção ao sr. João Manuel de Freitas.

Demonstraram os factos o acerto da escolha, que em verdade estava naturalmente indicada, pelos justificados credits do candidato, como pela sua inteireza de caracter, lucidez de intelligencia, desaffectada e inexcedivel bonhomia.

Do modo como se houve no desempenho da sua nobilissima missão educativa muito poderíamos e desejáramos dizer: bastará, porém, por agora, accentuar, que a imprensa nacional conta hoje no numero dos seus empregados e artistas mais dedicados e de mais notavel merecimento e solida instrução technica alguns dos antigos e dilectos discipulos do sr. João Manuel de Freitas. Mais insuspeito e brilhante documento da excellencia do seu systema de ensino theorico e pratico, não se nos afigura, com effeito, que possa allegar-se!

Cumpre acrescentar que um habilissimo discipulo, o primeiro matriculado, passou depois á classe dos

funcionarios publicos, sendo ainda muito aproveitavel o seu conselho sobre assumptos technicos.

Em 28 de junho de 1858, por ordem da administração, allegadas conveniencias do serviço, a que não foram, diga-se a verdade, estranhas absolutamente interesseiras e acaso malevolas suggestões, foi o sr. João Manuel de Freitas dispensado da regencia da escola, e addido á direcção da officina typographica, sendo-lhe, comtudo, conservado o vencimento que anteriormente percebia.

Releva dizer que o sr. conselheiro Marécós, que n'essa epocha exercia as altas funcções de administrador geral, continuou distinguindo o respeitavel typographo com a sua particular estima, de que, por vezes, lhe deu significativos e inequivocos testemunhos, e, por ultimo, nomeando-o, em 20 de abril de 1868, director da officina typographica, nomeação que importava um acto de rigorosa justica, e para que me ufano de haver contribuido quanto m'o permittiu a minha insignificante influencia.

Com data de 25 de abril era, por virtude de tal nomeação, entregue ao sr. Freitas uma calorosa mensagem de felicitação, que abaixo reproduzimos, assignada por todo o numero pessoal das officinas de composição e impressão e outros empregados, no numero dos quaes tive a satisfação de inscrever-me.

Já antes, a 8 de junho de 1867, recebera o sr. Freitas, ao completar o seu 62.º anniversario natalicio, de dezete dos seus antigos discipulos e admiradores, e por iniciativa do sr. José Augusto da Silva, eloquentissimo testemunho do muito que lhe queriam e o amavam, n'um formoso album, contendo os retratos photographicos dos offerentes, expressamente tirados para esse fim, com a seguinte dedicatória e uma poesia devida á penna do sr. Caetano José Dias, igualmente seu discipulo, que uma cruelissima enfermidade mental lançou no sepulchro alguns annos após o mestre querido:

AO ILL.ºº sr. João Manuel de Freitas, primeiro mestre da escola typographica da imprensa nacional de Lisboa

(Ante a veneranda effigie do ill.ºº sr. João Manuel de Freitas)

Eil-o ahí na sympathica postura!
Não lhe ergue a fronte o rasgo da altivez,
Nem a humildade lh'a deprime obscura:
— Na sestra a inclina em branda sidade.

Dos olhos onde fita a luz amada?...
No presente, no passado, no porvir?...
— No passado em que a gloria avassallada
Os labios lhe estremece n'um sorrir.

O futuro... deixa-o elle á Providencia,
Ao presente inda as forcas não negou;
Mas do passado ri-lhe a complacencia,
Porque a filhos do povo na arte alou.

As virtudes d'esse homem venerando
Não são de hoje nem de hontem o util bem;
Viço, flores e fructo aqui pompeando,
Da infancia á senectude as houve e tem.

Não nos falem de heroe que exige as graças
E as turbas para brilhar no que destrõe!
De nossos paes obteve o Mestre as graças;
Varão probó e prestante é que é heroe!

A imagem do ancão modesto e qu'rido,
Familia grata, véde e venerae;
Uní ao nosso o preto assás devido
A quem é tão bom mestre, amigo e pae!

As espontaneas demonstrações, que deixámos registadas, considerava-as o sr. João Manuel de Freitas como a sua melhor corôa de artista. Album e mensagem guardava-os como os mais honrosos diplomas; enthesourava-nos seus dignos filhos como preciosas reliquias, procurando por sua parte honrar o nome immaculado do bondosissimo progenitor.

Nesempenhou o sr. João Manuel de Freitas varias commissões e serviços, já propriamente technicos, já na caixa de soccorros da imprensa nacional, já na associação da classe, que era elle tambem strenuo propugnador do principio associativo como de todas as idéas generosas, que se encaminham a levantar o nivel moral e melhorar a situação economica do operariado. Nem foi tambem das menos proficuas a sua collaboração e prudente conselho nos dificeis trabalhos das tabellas de pregos da composição typographica e da impressão manual, committidos ao estudo de duas commissões nomeadas em 1864 e 1878, presidindo a esta ultima.

Decorridos cincoenta e sete annos de activo serviço, n'uma idade, embora avançada, ainda não incompativel com o exercicio dos seus deveres profissionais, foi finalmente o sr. João Manuel de Freitas colhido de um insulto apoplectico; e quatro dias depois, a 7 de novembro de 1878, entrava no seio da Eternidade, tendo sido baldados todos os esforços da sciencia alliados aos extremos da desolada familia para lhe prolongar a existencia.

Foi o funeral do venerando artista quasi uma apothese. O pessoal do estabelecimento, desde o chefe superior até ao mais humilde empregado, assim como varios representantes de officinas particulares, acompanharam á derradeira morada os restos mortaes do sr. João Manuel de Freitas, e ali foram render-lhe o preto devido ás suas virtudes.

A 25 de julho de 1880, na sala da benemerita associação typographica lisbonense e artes correlativas, e por occasião de celebrar-se o seu vigesimo oitavo anniversario, era inaugurado o retrato do sr. João Manuel de Freitas, offerecido pelo sr. José Augusto da Silva, presidente da assembléa geral, que proferiu então um conceituoso discurso, concluindo n'estes termos:

«Ha vinte mezes e meio descerrou-se a campa de um tumulo, para ali se recolher o cadaver d'aquelle esclarecido ancião, indo os seus saudosos discipulos, os gratos impressores e os jovens aprendizes da escola de composição do estabelecimento onde o sr. Freitas era empregado, depôr corôas de perpetuas e saudades, como tributo de derradeira homenagem:

hoje, que tenho a honra de presidir a esta sessão, cumpro um dever consagrando duas palavras á memoria do meu respeitavel mestre, consocio e excellentemente amigo — um dos maiores ornamentos da nossa typographica portugueza.»

Cumprimos nós tambem o nosso, dedicando estas pobres linhas á recordação do illustre typographo, que nos honrará com a sua amizade, e a quem nunca deixámos de prezar. Desculpem-nos seus filhos e discipulos se o primor da phrase não está á altura — e não o está de certo — da sinceridade do affecto e da grandeza do sentimento que as inspirou.

7 novembro 1890.

F. PEREIRA E SOUSA.

«Ill^{mo} sr.:— Os abaixo assignados, empregados, artistas e operarios da imprensa nacional de Lisboa, constando-lhes que v. s.^a, por nomeação do ex.^{mo} sr. conselheiro administrador geral, fôra elevado ao cargo de director da officina typographica, vem, cheios de mais sincero jubilo, felicitar v. s.^a por semelhante nomeação, que importando um acto de rigorosa justiça, nem por isso honra menos o funcionario illustre nosso mui digno chefe.

«Sabe v. s.^a que, em todas as circumstancias, o prezámos e respeitámos como áquelle a quem, pela consummada pericia e variados conhecimentos, pertence innegavelmente um dos primeiros logares entre as nossas illustrações typographicas.

«Tão distinctas qualidades, que são geralmente reconhecidas e apreciadas, juntas á inteireza de caracter e inexcedivel probidade, de que v. s.^a tem dado exuberantes provas, o constituem na verdade, em todo o ponto, digno de presidir aos trabalhos

da mais importante officina da imprensa nacional, e affiançam aos abaixo assignados, que v. s.^a, no exercicio de tão melindroso cargo, continuará sendo o artista abalado, o chefe integro, imparcial e cortez, o amigo dedicadissimo, o guiador intelligente, o empregado zeloso, finalmente, o perfeito homem de bem que tem sido sempre.

«Receba, pois, v. s.^a os nossos calorosos cumprimentos, e creia que elles são o testemunho franco e desinteressadissimo da verdadeira estima e veneração que lhe consagramos todos, porque as merecem os seus eminentes dotes de artista e cavalheiro.»

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idéa, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portugueza.

ALMEIDA GARRETT.



JOÃO MANUEL DE FREITAS

O PAPEL E O PERGAMINHO

(Continuado)

Ao mesmo tempo que os outros povos empregavam na escripta a pedra, o bronze ou o chumbo, os assyrios e babilonios serviam-se da *terra cotta*. «Em umas excavações que modernamente se fizeram na Assyria, diz Egger, appareceram escriptas sobre placas ou rolos de *terra cotta* muitos contratos concluidos entre particulares e até paginas de verdadeiros syllabarios assyrianos ou manuaes elementares da lingua fallada n'esse paiz. Nos muros da antiga Babilonia encontram-se tijolos tendo impressas as concavidades de uma serie de signaes primitivamente cinzelados em relevo sobre placas de madeira, fazendo lembrar os processos de que, mais tarde, devia sair a *typographia* propriamente dita».

Os gregos tambem escreviam sobre tijolo, e as suas listas para os actos eleitoraes eram traçadas em *terra cotta*. Emfim, os etruscos e os aborigenes da Sicilia cobriam de caracteres os seus vasos, ainda hoje o tormento de archeologos e epigraphistas.

Seguramente, porém, é o reino vegetal que tem fornecido á escripta os materiaes mais em uso e mais praticos.

A madeira foi empregada ha cinco mil annos pelos egypcios, gregos e diferentes povos do Occidente, sob a forma de *tablettes*. A cortiça tambem foi utilizada, como o prova um curioso manuscripto de Santo Agostinho, do seculo vi, conservado na bibliotheca nacional de Paris.

As *tablettes* de madeira, diz M. Lecoy de la Marche na sua obra sobre *os manuscriptos*, eram conhecidas dos hebreus na epocha em que foi redigido o *Livro dos reis*, e dos gregos no tempo de Homero; foram, porém, os romanos os primeiros que as fizeram entrar na pratica diaria. Fabricavam-se de buxo, teixo, acer e outras madeiras rijas.

As mais preciosas eram de *citrus*, especie de cipreste vindo da Africa. Tinham umas, a forma de livro ou de carteira, com muitas folhas; outras, a forma de um guarda-vento. Costumavam cobri-las com uma camada de cera, e assim preparadas serviam em toda a parte para a correspondencia, compendios escolares, *livros* de contas, *livros* de lembranças, etc. A principal vantagem da cera consistia em apagar e substituir com facilidade os caracteres traçados. O uso das *tablettes* prolongou-se até ao fim da idade media. A vulgarisação do livro propriamente dito não destruía a sua utilidade toda especial. Carlos Magno collocava-as habitualmente á cabeceira do leito, segundo o testemunho de Eginhard. As damas francezas dos seculos xii e xiii, traziam-nas á cintura, fechadas em estojos mais ou menos ricos. Os fabricantes de *tablettes* formavam em Paris uma corporação.

Nos archivos nacionaes de França existem *tablettes* sobre as quaes se encontram descriptas as despesas de mesa do rei Luiz IX nos annos de 1256-1257. Na bibliotheca nacional de Paris, em Florença e em Genebra estão archivados documentos semelhantes. As *tablettes* serviam tambem para notar as minutas das actas, dos testamentos e dos contratos, derivando naturalmente d'ahi a palavra *tabellião*.

A folha da palmeira no Oriente, e a folha da oliveira em Syracuza tinham applicação igual á das *tablettes* de madeira.

As fachas, cobertas de hieroglyphos, que envolvem as mumias do Egypto, provam-nos que tambem se escreveu sobre roupa branca. Na Persia utilisavam a seda, como ainda hoje se usa na China e no Japão. Mais tarde, depois da escripta, imprimiu-se sobre estofos, não só desenhos variados, mas tambem livros completos. Em Paris foram impressas d'esta forma algumas theses scientificas.

O marfim e os ossos tambem tiveram a sua epocha, principalmente entre os antigos arabes. Mahomet redigiu alguns versiculos do Alcorão sobre oplatas de carneiro.

Nada d'isto, porém, pedra, bronze, *terra cotta*, tecidos, constituia para a escripta um meio pratico. As *tablettes* mesmo, já de si tão commodas, nunca teriam dado origem ao livro.

Era preciso encontrar uma materia leve, resistente flexivel, portatil, e sobretudo muito abundante, a fim de que a escripta não tivesse de ser limitada nem pela exiguidade do espaço, nem pelo custo excessivo do seu principal elemento. Coube aos egypcios resolverem o problema, descobrindo o papyrus.

Os specimens mais antigos d'este arbusto foram descobertos por Champollion; a sua idade authentica é de tres mil e quinhentos annos. Plinio cita uma carta de Sarpédon, contemporaneo da guerra de Troya, escripta sobre papyrus. São estas as datas mais antigas que se lhe conhecem, mas a sua descoberta é, talvez, mais remota ainda.

Os egypcios appellidados, com justiça, os *chinezes da antiguidade*, guardaram por muito tempo a sua maravilhosa descoberta, provindo d'ahi que só muito tarde ella se tornou de utilidade geral. Na Grecia foi conhecida no seculo vii antes da nossa era.

Pôde, porém, affirmar-se que, n'uma epocha muito afastada os habitantes do valle do Nilo sabiam preparar o papyrus e reduzir a folhas muito delgadas, mas resistentes, as fibras d'este arbusto que deu o seu nome ao papel.

O papyrus é uma planta aquatica da grossura de um braço, que attinge a altura de 2 a 3 metros, e que antigamente se cultivava nas aguas dormentes do delta. O tronco nu e rectangular abre na extremidade superior em um bouquet de folhas, vive o periodo de um anno, e torna a rebentar na propria raiz. Plinio consagra algumas linhas da sua *Historia natural* ao fabrico do papyrus. «Prepara-se o papel, diz elle, dividindo o papyrus com uma agulha em partes extremamente delgadas, mas tão largas quanto possivel. Estendem-se, em seguida, sobre um plano inclinado humedecido com agua do Nilo, collocando outras sobre aquellas, transversalmente, em forma de grade. Submettem-se depois á prensa, produzindo uma folha que se põe a secar ao sol. Vinte d'estas folhas perfazem uma mão (scapus).

(Continúa)

A. COSTA.

MAURICIO DE GUÉRIN

(Continuado)

Como aquelles *motivos* favoritos que o nosso ouvido archiou para sempre, e que ás vezes os nossos

labios repetem automaticamente e instinctivamente, obedecendo a algum mysterioso designio intellectual, a uma estranha ondulação do nosso cerebro, assim são para nós os trechos predilectos de um ou outro d'esses dominadores de espiritos, de um ou outro d'esses divinos instrumentistas da palavra que representam no mundo a emanação sagrada da Poesia e da Arte...

Isto explica por que volto ainda hoje a fallar-lhes de um dos meus nomes queridos, de um dos meus mortos sempre vivos, do adoravel e inconfundivel Guérin.

Em volta d'elles outros espiritos vem creando uma photosphera fascinadora e deslumbrante, e o nosso olhar vae, pobre Tantaló de luz, saciar-se na inesgotavel onda de indefiniveis encantamentos que d'ella goteja perennemente...

E essa a attracção que exercem em nós as almas como Guérin, que viverão sempre no nosso amor e no nosso espirito, quaesquer que porventura sejam os ideaes diversos que successivamente venham convulsionando as consciencias.

Não, a Poesia não morreu, não póde morrer até, porque ella é uma das faces da Humanidade, d'esta mesma Humanidade que a tantos parece irremissivelmente absorvida pelos mais baixos e grosseiros instinctos; e, quando muito, o que fará é transformar-se ou esconder-se por algum tempo...

Está a ver-se até que a Sciencia, que tantos diziam haver de eliminar de vez a metaphysica, o ideal, o sonho, este *quid*, emfim, de mysterioso e de vago, que todos trazemos em nós, tem, pelo contrario, contribuido para tornar em alguns mais insaciavel, mais irreprimevel esse ardentissimo desejo de alguma cousa de melhor, que não se sabe bem o que seja, e já hoje apparecem poetas, armados de todos os conhecimentos do nosso tempo, eruditos até, como esse pobre Hennequin ha pouco fallecido, e todavia tão sedentos de infinito e de ideal, como muitos d'aquelles que, em tempos que não vão distantes, pretendidos sabios orientados sarcasticamente epigrammaticavam.

Descansem, portanto, as almas *doentes* d'essa doença a que eu chamaria a *poeticopathia*, que hão de ter sempre quem as comprehenda, e que não ficarão, isoladas e vergonhosas, a admirarem muito em segredo — como quem receia parecer antigo — os espiritos como Guérin.

E, fallando d'este, é já tempo de lhes offerecer mais algumas das suas formosissimas notas.

Começando, leiam este trecho:

«Ha momentos em que tudo o que existe de amargo, de sinistro, de acabrunhante na vida humana nos apparece ao mesmo tempo; é a realidade da existencia do homem que se descobre.»

Vejam tambem estes formosissimos versos que não tenho animo de traduzir:

Oh! Qu'il est douloureux de traverser la terre
Et de la voir partout, comme un désert austère
Où le pied large et fort des hommes généreux
Ne fait que soulever un nuage poudreux!
Douleur d'user sa force et le plus beau de l'âge
A traîner rudement ses pas de plage en plage,
Pour voir si cette mer qu'on nomme Humanité
Na pas, sur quelque bord, roulé la vérité!...

Deixo á apreciação dos que sentem e entendem, o medirem toda a belleza, toda a intensidade d'estas admiraveis linhas.

Mas ha mais, e tomado ainda do mesmo receio continuarei transcrevendo, na mesma divina lingua em que os forjou o poeta, estes outros alexandrinos:

Enfin, comme une queue à cette marche sombre,
Pêle-mêle suivaient indistinctes, sans nombre,
Les terreurs de mon âme, et ces rêves sans nom
Qui creusent dans la tête un abime profond.
Ces effrois inouis de la nature humaine,
Qui sent à certains jours une main qui l'entraîne
Sur une pente immense, et puis comme une voix
Qui dit: Homme vivant dis-moi ce que tu vois?
— La gueule d'un grand puits d'où monte un air humide,
La nuit, rien que la nuit dans cette gorge vide...

Depois, esparsas por todas as paginas, phrases, conceitos, observações como esta:

«...o coração é um campo funerario,

où chacun en pleurant ensévlit ses morts.

Ou como esta:

«É da natureza das creanças utilizarem para seu divertimento e seu brinquedo tudo o que é mais fraco que as suas frageis mãositas.»

E esta:

«Quando chorámos pelas recordações que nos são caras, eleva-se do fundo do nosso coração, e como que do proprio logar que ellas occupam n'elle, um perfume igualmente misturado de doçura e de amargor; porque tal é o privilegio de algumas pessoas: vincularem a todas as cousas a belleza sagrada da sua memoria, e deixarem o seu encanto até no amago dos mais sombrios pensamentos de luto e de tristeza.»

E iguaes, superiores a estas, tantas passagens que esmaltam a sua obra, e lhe dão uma suave frescura immarcescível.

Fallando, por exemplo, da morte de uma pessoa querida, escreve elle:

«Estranho instincto da alma, o enumerar os seus amigos quando, sem o saber, está já prestes a deixal-os! E que felicidade para algum de nós ver-se comprehendido n'este numero tão solemne e tão tocante das afeições de uma moribunda que retrocede uma derradeira vez ao passado, e que fonte de lagrimas isto nos abre no coração!»

E rematando:

«A morte dos nossos amigos ensina-nos a não temer tanto uma passagem vencida por elles, e que alguns tornaram mesmo attrahente!»

Teria ainda muitos primores a patentear-lhes, mas então transcreveria tudo.

Leiam isto, por exemplo:

«Como nós mudámos, ou antes como os acontecimentos, as exigencias, a idade, as revoluções que, sem mesmo o sentirmos, se operam em nós, fazem mudar o aspecto das cousas, e modificam os nossos gostos e tendencias! . . . »

Fallando da alma, diz que ha momentos em que ella se espraia pelo infinito, a perder de vista, ondulado como o mar. . .

E, finalmente, milhares e milhares de preciosos trechos que me fariam rico a mim, e não empobreceriam Guérin.

«O que todo o homem de uma certa natureza, antes transviada que superior, guarda com mais vigilancia é o segredo da sua alma, e da forma intima dos seus pensamentos.» Guérin dizia isto em these, mas na pratica offerecia um desmentido ás suas proprias palavras, porque é lendo-o que nós precisamente poderemos recompor a sua nobre individualidade espirital, o que ha de melhor em nós, o que ha de mais bello n'um poeta.

Natureza superior era-o com certeza; transviada, era-o tambem no sentido de que não podia senão andar errante n'este mundo quem, não tendo nada do que em geral elle aprecia e condecora, sobretudo não tendo o dinheiro que é a força, só logriaria ser amado por meia duzia de corações que sinceramente o comprehendessem.

Felizmente, que os teve e da melhor e da mais crystallina agua: sua irmã em primeiro logar, os seus amigos depois, e, ainda agora, os que o lerem, que lhe farão uma immortalidade no seu proprio espirito.

E bem possível que em vida isto não lhe houvesse bastado, e que o seu coração, febrilmente combatido por ansias de amor incomprehendidas para elle proprio, e o seu cerebro, sem descanso agitado por essa mortal e dolorosa tortura de dar forma a tudo o que concebía, e porventura lhe estuava lá dentro, esboçado e imperfeito, em vão quizessem amoldar-se ás duras exigencias da nossa existencia condicionada e vulgar; mas, desgraçado como foi, teve ainda mais do que um coração que generosamente e perennemente lhe ungiu as feridas feitas durante a sua peregrinação pela terra, e nem todos poderiam, invocando o Destino, dizer o mesmo talvez. . .

Teve, porém, um quinhão de soffrimento ainda largo bastante para merecer a effusiva ternura das almas boas, e para comprar a custosa pagina de gloria em que o seu nome refulgirá para sempre. . . mas, como fulguram os que lá estão inscriptos em paginas iguaes: entre um nimbo de luz e de lagrimas. . .

AFFONSO VARGAS.

(Continúa)

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado do n.º 48)

Foi por uma manhã chuvosa e agreste que o Thomé deu entrada no hospital.

O sr. Guimarães dignára-se ir recommendal-o ao director, que o mandou admitir n'uma das enfermarias clinicas dos estudantes. Tivera, porém, que passar um dia n'uma outra enquanto lá não vagava um leito, e o Thomé, entre o delirio da febre, logrou perceber que estava n'uma longa sala fria, onde a

luz bruxuleante dos lampiões punha uns tons lugubres, e de onde de cada lado parecia sairem gemidos e haver um como que soluçar de ais. . .

De quando em quando um homem que a elle se lhe afigurava em camisa, surgia de um dos angulos da sala e vinha dar a beber a algum que estava perto d'elle.

Instinctivamente, Thomé puxava para si a roupa e escondia-se n'ella, com medo. Passára assim horas sem poder dormir e sem estar acordado, n'uma especie de vigilia mental, n'um como que torpor dos nervos e dos musculos, que lhe dava a sensação confusa das cousas, que lhe baralhava as poucas idéas que o seu estado lhe suggeria, e que punha todo o seu ser moral n'uma confusão e anciedade estranha. . .

Vinham-lhe ao cerebro farrapos de pensamentos desconnexos, de sonhos incongruentes, afigurava-se-lhe ver pessoas com physionomias de outras, animaes de feitos phantásticos, que repentinamente se transformavam em enormes arvores desconhecidas, que por sua vez tomavam a forma de um carro da sua aldeia. Elle proprio parecia por instantes ter em si duas creaturas, *ser dois*, e um queria dormir e o outro dizia-lhe que era a sua vez, e então discutiam ambos, altercavam, quasi se engalinhavam dentro d'elle, até que extenuado voltava de novo a ser um, enquanto vagamente, como uma cousa que passa ao longe, sentia que um frio medonho, penetrante, agudo, tentava invadir-o aos poucos.

Mas ao mesmo tempo vinha-lhe a sêde, uma sêde atroz, e na sua lingua secca e aspera dir-se-ia que remordiam brazas. . . As vezes essa sensação espalhava-se-lhe ao longo do corpo, e todo elle se imaginava por um momento a arder. . .

E ninguem se chegou a elle durante essa longa noite que não tinha fim!

Na manhã immediata um outro homem tambem de camisa longa e com uma cara que ao Thomé fez lembrar o Marques, passando por elle dissera apenas:

—Safa! que febrão!

Mas continuára caminhando, e nem sequer attentára que elle lhe pedira agua.

Por fim um senhor alto viera, tirando lentamente as luvas e ficando os olhos; olhára a papeleta que ao lado lhe apresentavam e dissera apressado:

—Bem, então se muda hoje de enfermaria, por agora um calmante só.

E seguira tambem, parando n'outro leito.

Ao Thomé afigurou-se então que o senhor alto ia pôr fóra da cama o doente junto de quem parára, porque o vira com um simples puxão afastar-lhe a coberta, e dizer-lhe n'um tom auctoritario—que se sentasse direito.

Não quiz ver mais. Recordou-lhe o Marques, quando elle vinha despertal-o á cama com um empuxão brutal, e acreditou que iam fazer agora o mesmo. Instantaneamente este receio converteu-se n'uma idéa fixa, e elle julgou ver já o Marques diante de si, ameaçador e feroz, e começou a gritar.

O senhor alto voltou-se já esquecido de ter observado o Thomé: depois, occorrendo-lhe, monologou sorrindo:

—Ah! O rapazolas. . . E não se preoccupou mais.

(Continúa)